

O papel da Família na ação da Igreja e o papel da Igreja na vida das Famílias à luz da Exortação Apostólica Pós-Sinodal “A alegria do Amor”.

Um mosaico ao amor no Matrimónio e na Família

47º Encontro-Peregrinação Nacional CPM

O Papa Francisco assinou no dia 19 de março de 2016, solenidade de S. José e 3º aniversário do início do seu ministério petrino, a exortação apostólica pós sinodal *amoris laetitia*. É realmente uma exortação pós-sinodal, pois os relatórios finais das 2 assembleias do Sínodo dos Bispos sobre a Família são citados mais de 80 vezes.

Juntamente com a exortação, o Papa Francisco enviou a cada bispo um cartão com estas palavras tão fraternas: *«para o bem de todas as famílias e de todas as pessoas, jovens e idosas confiadas ao teu ministério pastoral»*.

Sendo um documento do Magistério, destacam-se algumas citações pouco comuns neste tipo de textos, como de Jorge Luis Borges e do fantástico filme «o festim de Babette». A linguagem deste desafiante texto, a começar pelo título «A alegria do amor» é de acolhimento e de integração das família na grande família de famílias, que é a Igreja. É um olhar muito positivo sobre a Família. Evoco, por exemplo, a beleza do capítulo IV como uma sinfonia ao amor no Matrimónio e na Família.

O Papa não faz a catalogação das famílias, mas apresenta o ideal cristão da família. Francisco não cai no esquema demasiado simples da classificação entre regular e irregular, porque este tipo de catalogação não é justo em relação às inúmeras situações das famílias. A terapia que Francisco apresenta é: acompanhar, discernir e integrar a fragilidade.

O Papa Francisco tem chamado à atenção para a preparação do Matrimónio. Trata-se da continuidade da iniciação cristã, uma espécie de novo catecumenado, isto é, uma formação global e integral de ser cristão no Matrimónio e na Família. A formação para o Matrimónio é de enorme importância.

1. A Pastoral familiar

Alguns desafios devem orientar a pastoral familiar: *«Atualmente, a pastoral familiar deve ser fundamentalmente missionária, em saída, por aproximação, em vez de se reduzir a ser uma fábrica de cursos a que poucos assistem»* (n. 230)

São necessárias mais políticas que manifestem a centralidade da família em todas as dimensões. Há necessidade de maior apoio à natalidade e melhor atenção às famílias com mais filhos.

O Matrimónio surge como um grande “*mysterion*, mistério” ou “*sacramentum*” em relação à união de Cristo com a Igreja¹. Por isso, com a celebração do Matrimónio os esposos participam da aliança esponsal de Cristo com a Igreja.

O grande mistério do Matrimónio é uma realidade constante nas páginas da Bíblia. Esta realidade está presente desde a criação do primeiro casal, feita à imagem e semelhança de Deus, até ao encontro final do Cordeiro com a Jerusalém celeste, contemplado como um encontro esponsal.

No Cântico dos Cânticos, o amor é cantado e celebrado como experiência de felicidade e realização humana. O Matrimónio é, pois, a gramática com a qual se exprime o amor e a fidelidade.

O Papa Francisco que resolveu dedicar 2 assembleias sinodais aos desafios pastorais sobre a família no contexto da evangelização, escreveu na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* escreve: «*A família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. No caso da família, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros e onde os pais transmitem a fé aos seus filhos. O matrimónio tende a ser visto como mera forma de gratificação afectiva, que se pode constituir de qualquer maneira e modificar-se de acordo com a sensibilidade de cada um. Mas a contribuição indispensável do matrimónio à sociedade supera o nível da afectividade e o das necessidades ocasionais do casal. Como ensinam os Bispos franceses, não provém «do sentimento amoroso, efémero por definição, mas da profundidade do compromisso assumido pelos esposos que aceitam entrar numa união de vida total»².*

No Matrimónio cristão, «*o autêntico amor conjugal é assumido no amor divino e é mantido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela acção salvífica da Igreja*»³. Pelo pacto matrimonial, «*o homem e a mulher constituem entre si a comunhão*

¹ «Por isso, o homem deixará pai e mãe, ligar-se-á à sua mulher e os dois passarão a ser uma só carne. É grande este mistério; digo-o em relação a Cristo e à Igreja» (Ef 5,31-32).

² FRANCISCO, *Evangelium Gaudium* 66.

³ GS 48; cf. LG 11.

íntima de toda a vida, ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole»⁴.

Não é possível afirmar a existência de um rito de bênção dos esposos até ao século IV. Sabemos apenas que os cristãos dos primeiros séculos *«cada qual habita a sua pátria, mas vivem todos como de passagem, em tudo participam como os outros cidadãos, mas tudo suportam como se não tivessem pátria. Toda a terra estrangeira é sua pátria, e toda a pátria lhes é estrangeira. Casam-se como toda a gente e geram filhos, mas não se desfazem dos recém-gerados»⁵*, como se lê na Carta a Diogneto.

O matrimónio é natural à vida do homem. Para os cristãos representa um sacramento. Segundo a doutrina católica, a dignidade do sacramento assenta no próprio Deus, porque Ele é o autor do Matrimónio⁶: *«o pacto matrimonial, entre os baptizados, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si a comunhão íntima de toda a vida, ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, foi elevada por Cristo, como Senhor, à dignidade de sacramento»⁷.*

«A vida cristã está marcada pelo amor sponsal de Cristo. Já o Baptismo, entrada para o grémio do povo de Deus, é um mistério nupcial; é, por assim dizer, o banho de núpcias que precede o banquete nupcial, a Eucaristia»⁸. Por isso, o Matrimónio é sinal eficaz, sacramento de aliança de Cristo e da Igreja.

A celebração do Matrimónio realiza-se durante a Eucaristia, quando possível, depois da liturgia da Palavra. Esta articula-se em quatro momentos:

- a) diálogo antes do consentimento sobre a unidade, a liberdade, a fidelidade e a procriação dos filhos;
- b) o consentimento e a aceitação pelo assistente;
- c) a bênção e entrega das alianças;
- d) a oração universal ou dos fiéis.

Um lugar importante na liturgia do Matrimónio é conferido à bênção dos esposos, a seguir à recitação do Pai-Nosso e antes da comunhão. A bênção sobre os esposos é de grande importância, dada a sua antiguidade na liturgia matrimonial. Esta oração é expressão da graça sacramental do matrimónio.

⁴ CIC, cân. 1055.

⁵ «A Diognète 5,6», *SCh* 33 bis, 62-63; «Carta a Diogneto 5,6», in *AL*, 156.

⁶ Cf. *GS* 48,1.

⁷ CIC, cân. 1055, § 1.

⁸ *CICA* 1617.

A primeira oração invoca o Espírito Santo como o sigilo da aliança dos esposos, conforme o texto: «*olhai benignamente para estes vossos servos, que, unido-se pelo vínculo do matrimónio, esperam o auxílio da vossa bênção: enviai sobre eles a graça do Espírito Santo para que, pelo vosso amor derramado em seus corações, permaneçam fiéis na aliança conjugal*»⁹.

O Espírito Santo invocado transforma e dá sentido à vida conjugal. Ele é a fonte da santidade recíproca. No Rito romano, os esposos são quem, como ministros da graça de Cristo¹⁰, mutuamente se conferem o sacramento do Matrimónio, ao exprimirem o seu consentimento.

Os temas fundamentais que se sublinham na celebração do Matrimónio são: a centralidade do amor, a alegria dos filhos, a purificação do amor, a fidelidade, o contínuo progresso e a dimensão escatológica. O sacramento do Matrimónio entende-se numa perspectiva histórico-salvífica, mediante uma referência à aliança bíblica e à relação entre Cristo e a Igreja.

As propriedades essenciais do sacramento do Matrimónio – a unidade e a indissolubilidade¹¹ – são reafirmadas no diálogo antes do consentimento e no próprio consentimento. Os noivos manifestam a livre vontade do coração para celebrar o Matrimónio, decidindo amar-se e respeitar-se ao longo de toda a vida «na alegria e na tristeza, na saúde e na doença»¹².

2. A sacramentalidade do Matrimónio e da Família

Sendo o Matrimónio um sacramento da fé da Igreja, e por isso ‘*uma igreja doméstica*’, isto é, em pequeno, deve-se manifestar o espírito de uma comunidade nova.

A essência do Matrimónio e da Família é a aliança conjugal. A Constituição *Gaudium et Spes* mostra a santidade do Matrimónio e da Família como «a íntima comunidade de vida e de amor conjugal»¹³ e acrescenta: «*fundada pelo Criador e dotada de leis próprias, é instituída por meio da aliança matrimonial, ou seja pelo irrevogável*

⁹ CM 40.

¹⁰ «A própria celebração deverá preparar-se cuidadosamente, tanto quanto possível com os nubentes. Celebre-se o Matrimónio habitualmente dentro da Missa. (...) Com os próprios nubentes, não-de escolher-se oportunamente as leituras da Sagrada Escritura, que vão ser comentadas na homilia. Não-de escolher-se também os formulários da troca de consentimentos, da bênção das alianças e da bênção nupcial, bem como as intenções da oração universal e dos cânticos. Ter-se-ão ainda em conta as possibilidades de utilização das várias formas previstas no rito, bem como os costumes locais que oportunamente possam conservar-se». Preliminares n. 29, in CM 17.

¹¹ Cf. CIC, cân. 1056.

¹² CM 62; cf. CM 60.

¹³ GS 48.

consentimento pessoal. Deste modo, por meio do acto humano com o qual os cônjuges mutuamente se dão e recebem um ao outro, nasce uma instituição também à face da sociedade, confirmada pela lei divina»¹⁴.

As características do amor conjugal foram assim apresentadas pelo Beato Paulo VI:

1. plenamente humano;
2. total;
3. fiel e exclusivo;
4. fecundo.

«É, antes de mais, um amor plenamente humano, quer dizer, ao mesmo tempo espiritual e sensível. Não é, portanto, um simples ímpeto do instinto ou do sentimento; mas é também, e principalmente, ato da vontade livre, destinado a manter-se e a crescer, mediante as alegrias e as dores da vida cotidiana, de tal modo que os esposos se tornem um só coração e uma só alma e alcancem juntos a sua perfeição humana. É depois, um amor total, quer dizer, uma forma muito especial de amizade pessoal, em que os esposos generosamente compartilham todas as coisas, sem reservas indevidas e sem cálculos egoístas. Quem ama verdadeiramente o próprio consorte, não o ama somente por aquilo que dele recebe, mas por ele mesmo, por poder enriquecê-lo com o dom de si próprio. É, ainda, amor fiel e exclusivo, até à morte. Assim o concebem, efectivamente, o esposo e a esposa no dia em que assumem, livremente e com plena consciência, o compromisso do vínculo matrimonial. Fidelidade que por vezes pode ser difícil; mas que é sempre nobre e meritória, ninguém o pode negar. O exemplo de tantos esposos, através dos séculos, demonstra não só que ela é consentânea com a natureza do matrimónio, mas que é dela, como de fonte, que flui uma felicidade íntima e duradoura. É, finalmente, amor fecundo que não se esgota na comunhão entre os cônjuges, mas que está destinado a continuar-se, suscitando novas vidas. "O matrimónio e o amor conjugal estão por si mesmos ordenados para a procriação e educação dos filhos. Sem dúvida, os filhos são o dom mais excelente do matrimónio e contribuem grandemente para o bem dos pais"»¹⁵.

A novidade na continuidade da compreensão é dada pelo Papa João Paulo II na exortação apostólica *Familiaris Consortio* na linha da comunhão de pessoas: «A comunhão de amor entre Deus e os homens, conteúdo fundamental da Revelação e da experiência de fé de Israel, encontra uma sua significativa expressão na aliança nupcial,

¹⁴ GS 48.

¹⁵ PAULO VI, *Humanae vitae* 9.

que se instaura entre o homem e a mulher»¹⁶. De facto, «No matrimónio e na família constitui-se um complexo de relações interpessoais - vida conjugal, paternidade-maternidade, filiação, fraternidade - mediante as quais cada pessoa humana é introduzida na «família humana» e na «família de Deus», que é a Igreja»¹⁷.

Bento XVI, refere-se ao corpo espiritual e ao espírito humano ou espírito corpóreo, numa visão unificada do amor: «Mas, nem o espírito ama sozinho, nem o corpo: é o homem, a pessoa, que ama como criatura unitária, de que fazem parte o corpo e a alma. Somente quando ambos se fundem verdadeiramente numa unidade, é que o homem se torna plenamente ele próprio»¹⁸.

Continuamos com problema de linguagem? «O amor de Deus por nós é questão fundamental para a vida e coloca questões decisivas sobre quem é Deus e quem somos nós. A tal propósito, o primeiro obstáculo que encontramos é um problema de linguagem. O termo «amor» tornou-se hoje uma das palavras mais usadas e mesmo abusadas, à qual associamos significados completamente diferentes. Embora o tema desta Encíclica se concentre sobre a questão da compreensão e da prática do amor na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja, não podemos prescindir pura e simplesmente do significado que esta palavra tem nas várias culturas e na linguagem actual. Em primeiro lugar, recordemos o vasto campo semântico da palavra « amor »: fala-se de amor da pátria, amor à profissão, amor entre amigos, amor ao trabalho, amor entre pais e filhos, entre irmãos e familiares, amor ao próximo e amor a Deus. Em toda esta gama de significados, porém, o amor entre o homem e a mulher, no qual concorrem indivisivelmente corpo e alma e se abre ao ser humano uma promessa de felicidade que parece irresistível, sobressai como arquétipo de amor por excelência, de tal modo que, comparados com ele, à primeira vista todos os demais tipos de amor se ofuscam. Surge então a questão: todas estas formas de amor no fim de contas unificam-se sendo o amor, apesar de toda a diversidade das suas manifestações, em última instância um só, ou, ao contrário, utilizamos uma mesma palavra para indicar realidades totalmente diferentes?»¹⁹.

O amor conjugal é a realidade essencial do matrimónio. O Matrimónio pertence tanto à criação como à redenção. Já no Antigo Testamento, o pacto entre homem e mulher se tornam «imagem e semelhança» da aliança de Deus com os homens²⁰. Na verdade, «o

¹⁶ JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio* 12.

¹⁷ JOÃO PAULO II, *Familiaris Consortio* 15.

¹⁸ BENTO XVI, *Deus caritas est* 5.

¹⁹ BENTO XVI, *Deus caritas est* 2.

²⁰ Cf. Os 1; 3; Jr 2; Is 54.

matrimónio é, por assim dizer, a gramática com a qual se exprimem o amor e a fidelidade a Deus»²¹.

A família não pode ser apenas objecto da acção pastoral da Igreja, mas lugar onde a Igreja se realiza, qual 'Igreja doméstica'²². Ela é decisiva e fundamental na Igreja. Os pais são verdadeiros ministros do Evangelho. Na nossa cultura, fazem parte da família: o amor, a oração comum, a Eucaristia dominical, as festas, os símbolos cristãos (oratório, cruz...), a mesa, o trabalho, o descanso, o diálogo, a partilha da Bíblia, o serviço aos pobres, a caridade.

Na conclusão da XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco perguntou «*que há-de significar, para a Igreja, encerrar este Sínodo dedicado à família?*» e elencou algumas respostas, das quais destaco: «*Certamente não significa que esgotámos todos os temas inerentes à família, mas que procurámos iluminá-los com a luz do Evangelho, da tradição e da história bimilenária da Igreja, infundindo neles a alegria da esperança, sem cair na fácil repetição do que é indiscutível ou já se disse. (...) Significa que solicitámos todos a compreender a importância da instituição da família e do Matrimónio entre homem e mulher, fundado sobre a unidade e a indissolubilidade e a apreciá-la como base fundamental da sociedade e da vida humana. (...) Significa que afirmámos que a Igreja é Igreja dos pobres em espírito e dos pecadores à procura do perdão e não apenas dos justos e dos santos, ou melhor dos justos e dos santos quando se sentem pobres e pecadores*»²³.

Entre a lei geral e o caso particular – a centralidade da arte do discernimento – para compreender, perdoar, esperar, encontrar, acompanhar, discernir e sobretudo integrar a fragilidade.

3. Novo Catecumenado

«... a urgência pastoral, que envolve todas as estruturas da Igreja, estimula a convergir para um comum intento ordenado à preparação adequada ao Matrimónio, numa espécie de novo catecumenado, – sublinho isto: numa espécie de novo catecumenado – tão desejado por alguns Padres Sinodais...»²⁴.

²¹ W. KASPER, *Il matrimonio cristiano*, Queriniana, Brescia 2014, 35.

²² Cf. LG 11; AA 11.

²³ FRANCISCO, 24 de outubro de 2015.

²⁴ Papa Francisco, Discurso à Rota Romana, Tribunal da Família e da verdade do vínculo sagrado, 22.01.2016

«...um vazio na oferta paroquial de formação cristã juvenil pós-Crisma, que muito poderia obstar a futuras situações familiares irregulares; enfim, necessidade de conversão pessoal e pastoral de pastores e fiéis até que todos possam dizer com verdade e alegria: a Igreja é a nossa casa»²⁵.

A nós pastores, o Papa Francisco sublinha: *«os sacerdotes têm o dever de acompanhar as pessoas interessadas pelo caminho do discernimento segundo a doutrina da Igreja e as orientações do bispo»* (n. 300). E ainda: *«Nós, pastores, devemos animar as famílias a crescerem na fé. Para isso, é bom incentivar a confissão frequente, a direção espiritual, a participação em retiros. Mas há que convidar também a criar espaços semanais de oração familiar, porque “a família que reza unida permanece unida”»* (n. 227).

Fátima, 19 de fevereiro de 2017

+ José Manuel Cordeiro

²⁵ Papa Francisco, Discurso aos Bispos de Portugal na Visita *Ad Limina*, 07.09.2015